

★ GEOGRAFIAS DE RESISTÊNCIAS UM OLHAR ACERCA DO MOVIMENTO *ARTE PELA DEMOCRACIA*

Luaa Gabanini

Atriz-MC, performer, DJ, diretora, coreógrafa, professora e pesquisadora das artes do corpo. Doutora na ECA-USP, Mestre em Artes pela ECA-USP, com especialização em Direção Teatral (Lato Sensu) na (ESCH) Escola Superior de Artes Célia Helena. Fez sua graduação em Artes Visuais, Pintura, Gravura e Escultura pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. É membro fundadora do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos e professora de estudos e práticas corporais na Escola Superior de Artes Célia Helena.

Resumo: Este artigo segue as pistas da memória, entendendo o corpo em performance conectado com o meio em que vive, como lugar de rastreamento no qual os acontecimentos poéticos se iniciam. São relatadas algumas experiências do movimento *Arte pela Democracia* - um grupo tático que tem como linguagem a arte, buscando sempre proposições coletivas de vozes múltiplas. E tendo o inesperado como uma das estratégias para a ocupação simbólica dos lugares e o agrupamento dos corpos para a criação de imagens que disputem novas narrativas, ressalta a ideia do corpo como território capaz de insurgir paisagens.

Palavras-chave: Arte; Democracia; Urgência; Insurgência; Poética.

GEOGRAPHIES OF RESISTANCE A LOOK AT THE ART FOR DEMOCRACY MOVEMENT

Abstract: This article follows the traces of memory, understanding the performing body connected to the environment in which it lives, serving as a site of exploration where poetic events begin. It reports on some experiences from the political movement *Art for Democracy*, a tactical group that uses art as a language, always seeking collective propositions of multiple voices. Emphasizing the unexpected as one of the strategies for the symbolic occupation of spaces and the gathering of bodies to create images that dispute new narratives, it highlights the idea of the body as a territory capable of conjuring landscapes.

Keywords: Art; Democracy; Urgency; Insurgency; Poetics



Num território tão vasto como o da arte, onde os acontecimentos são organizados por pessoas (sendo tanto quem cria como quem contempla, humanidades de um tempo histórico) e que tem como um de seus atributos a disputa de novos imaginários, me parece ser intrínseco à própria essência da criação o diálogo com o seu entorno, tendo uma proposição estética a força de instaurar discussões sociopolíticas de uma sociedade. Há agrupamentos em que essa é a força motriz do encontro de **corpos** que se juntam para se rebelar às opressões, aos autoritarismos, às assimetrias sociais, criando assim ações, composições, performances, manifestos estético-artísticos que buscam acionar espaços para expor suas inconformidades. Assim foi e ainda é com o *Arte pela Democracia*, um acontecimento estruturado coletivamente, que agrupa **corpos**-territórios, que somando suas experiências, compõem arquipélagos capazes de incendiar-insurgir paisagens em diálogo direto com seu tempo histórico.

Pensando na caminhada desta escrita, no olhar para um **corpo** como um território fértil para prosperar novas paisagens, os acontecimentos a seguir observam o **corpo** como território-político-insurgente, que se move numa militância criativa com um objetivo comum de acionar espaços poéticos para disputar outras narrativas possíveis. São muitos detalhes e emoções que se aproximam ao lembrar da coragem que eu sentia no início desta formação coletiva. Sinto ainda algo parecido... A escrita, então, se dá pela memória das experiências vivenciadas.

O movimento *Arte pela Democracia* começa em 2016, criado e liderado por artistas ligadas(os) à Cooperativa Paulista de Teatro, principalmente por aquelas(es) que compõem o que chamamos teatro de grupo. Surgiu das discussões que buscavam construir acontecimentos que fossem capazes de enfrentar o discurso autoritário e antidemocrático que se apresentava, imposto pela grande e retrógrada maioria do Congresso Nacional (ocu-

pado substancialmente por bancadas compostas por evangélicos fundamentalistas, o agronegócio e militares da extrema-direita). Tinha também apoio dos meios de comunicação (que se mostravam em plena dramaturgia de direita) que conduziam opiniões ao invés de gerar informações necessárias para a compreensão e escolha da sociedade. Com o objetivo de elaborar ações práticas contestadoras, voltadas principalmente para o enfrentamento do processo do golpe de 2016 (o impeachment de Dilma Rousseff), o *Arte pela Democracia* propôs “pílulas” artísticas, que desde o início tiveram um caráter performático, com o intuito de estabelecer novos imaginários diante da barbárie. Manifestando-se dentro da urgência do seu tempo histórico, suas realizações são fruto de movimentos que o antecederam nas últimas década, como o *Arte contra a Barbárie*.

*Rachadura*¹: lembro de Reinaldo Maia e suas veias protuberantes no pescoço de tanto gritar nas reuniões do *Arte contra a Barbárie*. Lembro também dos abraços que me dava cada vez que nos víamos. Essa política que se instaura nos afetos. Essas vozes roucas que nos antecederam e também fazem parte do que somos e que ecoam em nós quando agimos em nosso presente-momento. Movimento é somatória de vozes que contaminaram minha existência, pois fazem parte da história política e artística que vivenciei até aqui, assim como, da história da cultura deste país, que sempre se fortaleceu com a força-tarefa de artistas, que reivindicam por vezes o óbvio: liberdade e condições básicas para existência dos seres.

O movimento *Arte contra a Barbárie*, organizado em 1999, reuniu setores do teatro da cidade de São Paulo em torno da luta por um teatro que não se subordinasse ao mercado. Trazia à tona as precárias condições de se estabelecer um trabalho de pesquisa continuada – como era a vontade de alguns grupos que “reexistiam” no final do século XX. Pautando novos princípios de hierarquização das práticas teatrais, criaram-se manifestos e

publicações que permitiram reconstituir um imaginário no *front* do fazer teatral na cidade de São Paulo, gerando uma conquista fundamental: a Lei Municipal de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo, em 2002, um marco nas políticas públicas para a cultura, voltada às expressões estéticas teatrais de pesquisa continuada. Essa lei transformou a história do teatro de grupo em São Paulo e com certeza, vem fertilizando nesses últimos vinte anos o advento de algo expressivo como é o *Arte pela Democracia*, seja porque possibilitou a criação de centenas de núcleos artísticos, seja porque esses novos espaços se estabeleceram como lugar de pouso para a manutenção de reflexões estético-políticas.

Feito esse parêntese necessário, falar do *Arte pela Democracia* é falar da insistência da arte em trazer a utopia para o presente momento de existência, reavivando novas possibilidades de mundos, estabelecendo uma outra dramaturgia possível diante dos abusos aos quais a população diariamente está sujeita em nossa sociedade. O próprio nome está relacionado ao que se buscava ressaltar: a arte como lugar de “re-existência” da democracia.

A primeira reunião ampliada aconteceu no Galpão do Folias² e o debate se deu a partir da percepção nítida dos fatos: estávamos na iminência de um golpe jurídico parlamentar midiático. Entendia-se de forma cristalina que o impeachment de Dilma Rousseff era um ataque à democracia, uma vez que se tratava de um governo legitimamente eleito. Rudifran Pompeu³, leal companheiro de movimentos que buscavam se relacionar com a idiosincrasia de seu tempo, relata:

A gente se reunia constantemente para discutir não só política, mas também ações culturais. E nessa época, havia uma frequência dos cooperados e o movimento de teatro de grupo, que se encontravam na sede da cooperativa. E dessas conversas começaram a surgir reflexões. Tem a eleição em 2014, o Aécio perde e tenta brigar e entra com recurso. Percebemos um movimento, mas não botamos muita fé que isso iria gerar alguma coisa. Em 2015 começa acender

uma luzinha, que essa discussão continua, e assim, fazemos alguma relação com as jornadas de junho de 2013, a coisa passa a tomar um corpo e começamos a ficar muito confusos e ninguém falava para nós o que estava acontecendo. Ficávamos tateando e refletindo: será que não é hora de criarmos alguma conversa, chamar alguns políticos para entendermos o que realmente está acontecendo? Pro final de 2015, começamos a querer saber mais sobre os fatos e em 2016 a coisa se acentua. Desde o início surgiram muitas ideias de como disputar a narrativa. O *Arte pela Democracia* começa então, a produzir ações e ser conhecido como um grupo de intervenção com ações muito pontuais (Pompeu, 2021).

Com ações artísticas muito objetivas, onde o protagonismo está no discurso a ser alcançado, o *Arte pela Democracia* acontece quando está em ação, como uma insurgência em oposição aos poderes opressivos e autoritários, tendo como impulso a inconformidade de artistas que se agrupam para organizar ações como pílulas poéticas. Uma música pode ser o centro do acontecimento, uma imagem pode ser toda a performance, um gesto pode ser o estopim do ato. E sendo uma ação tática em resposta às ocasiões de urgência, o tempo sempre é curto para as resoluções. O procedimento quase sempre se repete: um pequeno grupo se reúne, reflete sobre os conteúdos e cria uma proposta estética que rapidamente será absorvida pelos **corpos** que prontamente comparecem. As estratégias variam de acordo com a proposta: tutoriais que descrevam a dramaturgia da ação, vídeos contendo a coreografia que será executada coletivamente, a criação de uma música que será cantada em coro, “assim como criamos nossas obras dentro de nossos grupos, elaboramos criticamente as narrativas: nos organizamos como a montagem de um espetáculo” (Pompeu, 2021).

Trazendo em seu nome a palavra *arte*, por ser construído por artistas de vários setores culturais, tomou uma proporção maior a cada encontro, onde aumentava o número de participantes in-

teressados em discutir o Estado democrático de direito. Não aceitando assistir passivamente aos acontecimentos, a luta que nos cabia era no campo simbólico, em ações de *ativismo*⁴. Foram realizadas várias ações desde seu início em 2016 e com certeza outras virão. Abaixo cito alguns acontecimentos rastreados na minha memória.



Primeiro flyer do movimento *Arte pela Democracia*.

#Bandeirão – Ação muito comum em torcidas de futebol, o ato consiste em abrir coletivamente um grande tecido que contém algum escrito ou imagem com o objetivo de ser visto de longe. Referenciando também ações bem sucedidas, como é o caso do coletivo *Frente 3 de Fevereiro*⁵, que abriam bandeirões para a discussão do racismo com escritos como “Zumbi somos nós” ou “Onde estão os negros?”, carregamos nossos #Bandeirões por alguns lugares, imbuídos com o objetivo de nos comunicarmos com a maior quantidade de pessoas para discutir assuntos, quase sempre, de âmbito nacional. A primeira vez que abrimos um #Bandeirão foi no vão do MASP no dia 30 de março de 2016⁶, dia que inauguramos esse movimento, e nele estava escrito “ARTE PELA DEMOCRACIA”. O mesmo #Bandeirão foi aberto num evento na Fundação Progresso no Rio de Janeiro, ação contra o golpe comandada por Chico Buarque, acompanhado por personalidades como Beth Carvalho, Tico Santa Cruz, Nelson Sargento, Flávio Renegado, Gregório Duvivier, Leonardo Boff e o ex-presidente Lula. De lá, o #Bandeirão seguiu viagem para Brasília, quando no dia 17 de abril,

durante a aprovação do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, foi aberto e sacudido juntamente com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), por indígenas e por todas as pessoas que estavam do lado vermelho da divisória colocada na frente do Congresso Nacional. Ele foi aberto mais algumas vezes durante esses anos, coligado a outros movimentos e suas manifestações. Em 2018, fizemos um segundo #Bandeirão com o escrito “VIVER É UMA TAREFA URGENTE – HADDAD PRESIDENTE”, fazendo parte das ações do #ViraVoto que narrarei abaixo. Fizemos outro #Bandeirão que fez parte de toda a campanha pró Lula e abrimos por várias vezes durante todo o segundo semestre de 2022.



Vão do Masp. Foto de Tiago Pelegrini, 2016.



Largo de São Francisco, Faculdade de Direito, registro do *Arte pela Democracia*, 2022.

#MulheresDeVermelho – Intervenção na qual mulheres, vestidas de vermelho, caminham pelas ruas até algum ponto estratégico onde realizam um ato-composição com o espaço, sempre atualizando suas falas e gestos em relação às necessidades e dizeres do momento. A primeira realização se deu em março de 2016: caminhamos do Teatro de Arena Eugênio Kusnet até a Bolsa de Valores no centro de São Paulo. Lá, gritamos palavras de ordem contra o poder opressor e patriarcal que se apresentava (a composição refletia o massacre que se instaurava à presidenta Dilma Rousseff). Na sequência, a performance ocorreu em Brasília, diante do Congresso Nacional, no dia 16 de abril, um dia antes da votação do impeachment de Dilma. A terceira caminhada se deu em resposta a um jantar que a senadora Marta Suplicy havia organizado para debater pautas da cultura, e entendíamos não haver nenhuma convidada ou convidado que pudesse nos representar. Assim, fomos até a frente da casa da senadora e nos convidamos a entrar. Como isso não se concretizou, nos colocamos em poética de protesto, lendo alguns textos e cantando algumas músicas à luz de velas. Outra caminhada decorreu da ocupação da Funarte em 2017, quando organizamos uma ação das #MulheresDeVermelho para acompanhar a passeata que partiu do Largo da Batata até a casa do então presidente Michel Temer. Algumas outras vezes dispusemos dessa marcha feminina e vermelha pelas ruas.



Caminhada no centro de São Paulo. Registro do *Arte pela Democracia*, 2016



Frente da casa da Marta Suplicy. Registro Mídia Ninja, 2016

#ArenaContraGolpe – Assim que o impeachment de Dilma se concretizou, ainda em 2016, fizemos uma ocupação simbólica do Teatro de Arena Eugênio Kusnet, espaço de “re-existência” histórica. Lá organizamos encontros e performances que debatiam a fatídica e farsesca narrativa que havia acontecido. Por 48 horas (inclusive dormindo no teatro), ficamos em vigília artística aberta ao público com uma programação intensa, descrita no *flyer* abaixo.



Flyer do movimento *Arte pela Democracia*, 2016.

#ForaSturm – Após várias tentativas de diálogo com André Sturm, na época Secretário de Cultura da cidade de São Paulo, e observando a

repercussão de suas escolhas e atitudes intransigentes, aparentemente objetivando desmontar a mínima estrutura conquistada pelos artistas nos últimos anos, em setembro de 2018 fizemos uma ocupação, em protesto relâmpago, no Theatro Municipal pedindo a retirada do secretário⁷.

#ViraVoto2018 #Bandeirão – Com o advento do segundo turno nas eleições para a Presidência da República em 2018, em todo o país,



Theatro Municipal de São Paulo – Registro do *Arte pela Democracia*, 2018.

diversos grupos deixaram as redes sociais e foram às ruas conscientizar os eleitores indecisos. Muitos levavam café, chá, bolos e doces, servidos durante conversas que buscavam elucidar as propostas e refletir sobre as dúvidas. Em consonância com essa ideia, organizamos uma reunião no Sindicato dos Bancários de São Paulo com mais de seiscentos participantes, onde nos dividimos em grupos que se organizaram de maneiras diversas para criar estratégias de se comunicar com a cidade, sempre com o mote de explicitar o perigo do estabelecimento de um governo fascista, anunciado pela presença do candidato Jair Bolsonaro.

No dia 23 de outubro daquele ano, fizemos uma abertura do ato com uma performance na frente do Theatro Municipal: mais de oitenta corpos ficaram em pé formando uma imagem que se manteve por alguns minutos, então, coletivamente descemos e, ao sair da escadaria, deixávamos um

par de sapatos compondo a primeira intervenção-imagem do ato. Saímos em direção às ruas com um livro na mão, o qual entregávamos a uma pessoa que estivesse passando, já abrindo assim os encontros com transeuntes. A partir deste primeiro movimento coletivo, os grupos se dividiam pela cidade. Durante todo o dia, mais de seiscentos corpos se espalharam pelo centro de São Paulo, buscando o encontro e o diálogo com todas as pessoas que paravam diante das estratégias poéticas: placas, bolos, entrega de flores, danças, cadeiras colocadas pelas esquinas, etc. No final do dia, estendemos pelo guarda-corpo do Viaduto do Chá um #Bandeirão⁸ com o escrito “VIVER É UMA TAREFA URGENTE – HADDAD PRESIDENTE”. Logo depois, todos se reuniram na frente dele, no Vale do Anhangabaú, para uma dança coletiva (trazida pela pesquisa da Cia. Oito Nova Dança, chamada “Intervenção Urbana ESQUIVA”⁹), onde todos os corpos se deslocavam numa roda no sentido anti-horário, evocando o espaço entre-corpos, plasmando no imaginário a possibilidade de virada do resultado eleitoral.

Três dias depois, em 26 de outubro, ampliamos o ato realizando a abertura no mesmo ponto, na frente do Theatro Municipal, cantando coletivamente a música “Ainda Cabe Sonhar”¹⁰, de Jonathan Silva¹¹, compondo agora uma imagem com guarda-chuvas coloridos que girávamos, reforçando a ideia de que ainda dava tempo de virar o resultado das eleições. Saímos em caminhada, finalizando esse segundo ato #ViraVoto2018 na Praça da Sé, com mais de 8 mil pessoas. Por conta da repercussão dessas ações, o *Arte pela Democracia* foi convidado pela campanha do candidato Fernando Haddad a estar na frente da escola eleitoral quando ele fosse votar.

Assim, na manhã de 28 de outubro, dia da eleição, giramos mais uma vez os guarda-chuvas coloridos e cantamos nossa música-tema *Ainda cabe sonhar*, que nos acompanhou nessa jornada de esperança de virar a narrativa que se apresentava.

Bordar, num pano de linho
Um poema tambor
que desperte o vizinho.
Pintar, no asfalto e no rosto
Um poema alvoroço
que adormeça a cidade.
Dançar com tamancos na praça
Cantar, porque um grito já não basta
Esfarrapados, banguelas e
Meninos de rua, poetas, babás.
Vistam seus trapos, abram os teatros,
É hora de começar:
Alerta, desperta, ainda cabe sonhar.
Alerta, desperta, ainda cabe sonhar.
(letra da música: *Ainda cabe sonhar*, de
Jonathan Silva)



Praça da Sé, registro *Arte pela Democracia*, 2018.

#CorposPaisagens.

Esta performance urbana consiste em desenhar com os **corpos** as palavras de ordem do momento. Decide-se a palavra, calcula-se o número de pessoas para que seja possível criar a composição no espaço escolhido e, então, no dia, os **corpos** se colocam no asfalto para que a imagem se concretize. A ação ficou ainda maior após a sua realização,



Praça da Sé, registro do *Mídia Ninja*, 2018.

pois seu registro viria gerar uma ação midiática nas redes sociais. No dia 7 de abril de 2019, por conta da prisão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, escrevemos #LulaLivre¹² no buraco do túnel José Roberto Fanganiello Melhem, na avenida Paulista. Nas eleições para prefeito de São Paulo em 2020, quando chegamos no segundo turno buscando a troca de poder, ou seja, a saída do PSDB, apoiamos a campanha do candidato Guilherme Boulos, juntamente com a vice Luiza Erundina. Para isso escrevemos na frente do Theatro Municipal (a escolha do lugar simboliza que a ação é oriunda dos artistas) o número #50¹³, em referência ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

Muitas outras coisas foram feitas diante dos tantos absurdos dos últimos tempos. Acima descrevi buscando na memória o acontecido, escolhendo títulos para as ações – que nem sempre foram dados na época – como uma possibilidade de nomear os atos. Sabemos que o embate é grande e não há a ingenuidade de que a realização de atos artísticos isolados mudaria o mundo. Como artistas atuantes na busca de uma sociedade mais próspera e justa, nos sentimos convocadas e convocados a ocupar o campo de ação que nos cabe diariamente como



Theatro Municipal. registro do *Arte pela Democracia*, 2020.

um ato de cidadania que tem a prática de imaginar novos mundos. Não se muda a história com uma imagem ou uma música, mas pode-se criar ruídos, como ondas necessárias para uma transformação. A ideia é aumentar as ondulações quando as disputas estão colocadas para quem sabe, fazer parte do *tsunami* histórico capaz de abalar as estruturas de poder.

Rachadura: lembro de tudo, o calor, os olhares entrecruzados de confiança, e os olhares desconfiados, as reuniões de madrugada, os telefonemas, as discussões, as ofensas, as mágoas, as gentilezas, as amizades, as inúmeras dúvidas, dar as mãos e gritar, por vezes correr... e continuar mesmo na incerteza.

Plantas Altas - espaço para insurgir

Se eu estivesse numa guerra eu diria que é um grupo tático, um grupo altamente preparado para aquela determinada ação. Sabemos exatamente o que vamos fazer, onde vamos fazer e temos sempre um alvo certo. Um grupo de ação tático, uma guerrilha poética tática, onde sabemos qual é o alvo que queremos (Pompeu, 2021).

O movimento *Arte pela Democracia*, um grupo tático que tem como linguagem a arte, pressupõe sempre a ideia de uma não-exposição das pessoas, buscando sempre proposições coletivas de vozes múltiplas, tendo o inesperado como uma das estratégias para a invasão simbólica dos lugares trazendo o agrupamento dos corpos para a criação de imagens que disputem novas narrativas. Assim, com o foco na manutenção da democracia, as ações se manifestam em poéticas de guerrilha, que buscam mobilizar espaços, ocupar territórios, de maneira coletiva. Adentrarei agora na ideia de Plantas Altas: composições que acontecem com a somatória dos corpos-territórios, que como arquipélagos capazes de criar paisagens para pou-sar utopias. E para isso, focarei em duas ações que contêm, em sua performatividade, essa qualidade: #MulheresDeVermelho e #CorposPaisagens.

#MulheresDeVermelho

A intervenção traz em seu cerne a questão do machismo estrutural, tendo corpos femininos, vestidos e pintados de vermelhos, à frente do ato. Foi criado durante o processo de impeachment de Dilma Rousseff, episódio histórico que escancarou em rede nacional o desrespeito pelo poder de uma mulher, mas a ação é acionada até hoje quando emerge mais alguma problemática de teor sexista. Ela é elaborada em duas partes: uma caminhada silenciosa (escolhe-se, portanto, um trajeto a ser percorrido) e um pequeno ato (que acontecerá quando se chega no ponto estrategicamente escolhido). Criamos um gesto-síntese e levamos algum objeto que fará parte da dramaturgia; ambos explodirão em acontecimento no lugar final de ação. Estabelecemos, por vezes, textos ou palavras de ordem que serão disparadas durante a intervenção.

A caminhada cria uma Planta Alta potente e extemporânea na paisagem: um cordão de mulheres que escorre pelas ruas como uma corrente sanguínea, pulsando em direção a seu alvo. O silêncio mantido enquanto os corpos caminham ge-

ram incômodos e reações inesperadas: desde uma plateia-transeunte curiosa para saber o que está acontecendo e que, por vezes, segue essa corrente vermelha, até xingamentos, quase sempre vindos de homens. É bem sintomático esse efeito.

Nessa ação sempre temos o acompanhamento dos homens, que ficam misturados com os corpos transeuntes, portanto, não são muito percebidos. O que fica visível são os corpos femininos, sua atitude, sua opinião, sua força. Os xingamentos oriundos do masculino são decorrentes do arraigado machismo estrutural, que se dá nos detalhes nas microrrelações e também de forma eschachada pelas ruas, ao ponto de um homem se sentir autorizado em ofender um coletivo de mulheres, creio eu, porque não suportam a atitude de empoderamento.

A ação não tem ensaio, mas sim um roteiro e alguns combinados, de modo que quando as #MulheresDeVermelho chegam ao ponto final, “palco da ação”, atuam(os) em rede, entre falas e gestos que se desenvolvem como uma coreografia, de modo improvisado e em total cinestesia.

Em 2016, quando fizemos pela primeira vez a ação, caminhamos, conforme já citado, do Teatro de Arena até a Bolsa de Valores no centro de São Paulo. Todas carregavam um sapato alto nas mãos. Estávamos em quinze corpos (arcabouço de diferentes histórias), mas que juntos disparavam no mesmo alvo: a estrutura massacrante do capital, patriarcal força motriz na manutenção dos poderes.



Viaduto do Chá, registro do Arte pela Democracia, 2016.



Bolsa de Valores, registro do Arte pela Democracia, 2016.

Em Brasília, a intervenção ocorreu no dia que antecedeu o assombroso e histórico “sim!”, dito em rede nacional pela maioria dos congressistas, no dia em que montavam o “Muro de Berlim”, forjado na Esplanada dos Ministérios (a divisória entre quem estaria de vermelho e quem estaria de verde e amarelo). A caminhada foi feita em silêncio, com cada mulher levando nas mãos uma cópia de seu título de eleitor, que era rasgado num gesto simbólico de inconformidade à inconstitucionalidade do que estava acontecendo bem em frente, no Congresso Nacional.



Ingens do Congresso Nacional BSB, registro do Mídia Ninja, 2016.

#CorposPaisagens

A partir de uma mesma estrutura básica, **corpos** em ação geram a imagem a ser alcançada: as intervenções realizadas para criar escrituras com o agrupamento dos **corpos** trazem a ideia de que os **corpos-territórios** juntos podem formar determinados discursos.

Trata-se de um processo bem rápido: ao decidir a palavra, faz-se um desenho calculando o número de corpos necessários para executar a dimensão da imagem. Tendo feito esse cálculo, convoca-se o número de corpos necessário para realizar a imagem.

Lembro de você calculando o número de pessoas para realizar a imagem na rua que escreveria Lula Livre. E no dia nos comunicávamos, você estava com o olhar de onde faríamos o registro e eu no chão, e íamos nos comunicando: mais pra esquerda, tira uma pessoa etc., até a imagem se formar. Então, como um maestro que rege uma orquestra, a composição se dá. Cada um com suas funções muito pré-determinadas para, no momento, tudo acontecer e poder ser registrado (Pompeu, 2021).

Muitas das ações que buscam intervir nos espaços de maneira inesperada são operacionalizadas pelos **corpos** em ação. O #Bandeirão, por exemplo, só será aberto se vários **corpos** espontaneamente se dispuserem a estendê-lo. Assim como uma passeata também terá o impacto pela quantidade de **corpos** que estiverem acumulados nas ruas. Aqui, destaco #MulheresDeVermelho e o #CorposPaisagens por observar qualidades similares, onde os **corpos**, juntos, formam o discurso em composições que, de maneira inesperada, irrompem a paisagem cotidiana.

Por serem criadas de modo que sua exposição dependa também de um olhar que expande o próprio acontecimento, momento presente da ação, o registro é fundamental para rasgar o espaço-tempo da performance, ocupando também outros territórios nas visualizações pelas redes sociais, estabelecendo uma comunicação bem maior do que apenas com a plateia-transeunte. Para isso, é fundamental ter pessoas em lugares estratégicos para a captação da melhor imagem possível, contando também com a utilização de drones, que das alturas registram as paisagens que terão impacto – es-



Foto: Sato do Brasil, 2019.

tes olhares e registros fazem parte da coreografia do ato.

Nessas duas intervenções, o discurso está diretamente relacionado com o desenho que os **corpos** juntos criam, ao romperem como frestas-poéticas, nas arquiteturas. Ambas formam uma composição que tem a força imagética de uma Planta Alta, que insurge para o olhar de quem vê de cima, do alto. São pílulas poéticas que contam com a prévia organização do coletivo encarregado de combinar as estratégias para a melhor execução. Gosto delas pois trazem para mim um pouco da síntese das manifestações do *Arte pela Democracia*, a ideia de ataque e fuga a criação de *zonas autônomas temporárias*¹⁴. Uma coisa que acontece inesperadamente pela cidade com potência poética e política e se desfaz com a mesma rapidez.

O Arte pela Democracia não tem um lugar. Ele é acionado quando é necessário, quando se entende, se compreende, que há uma luta pela justiça, pela democracia, pela solidariedade, pelo bem-estar humano. Não é um grupo partidário, mas também não é apertado. É um grupo que tem lado, sabe perfeitamente o posicionamento que está defendendo e se colocará em ação sempre que necessário (Pompeu, 2021).

Com duas palavras que trazem a instância de embate desse agrupamento “arte” e “democracia”, o movimento segue com artistas que pensam a vida com liberdade, que prezam pela justiça, pelo trabalho não alienado, com foco na diversidade e na igualdade das condições de existência, buscando instaurar nas paisagens acontecimentos que mobilizam as geografias vigentes.



Registro do celular da autora.

Referências

- BEY, Hakim. **TAZ. Zona Autônoma Temporária**. São Paulo: Conrad, 2001.
- DIAS, A. **Artivismo: Reflexões da Arte Sobre a Sociedade**. *Patrimônio.pt*, 21 set. 2020. Disponível em: <<https://www.patrimonio.pt/post/artivismo-reflex%C3%B5es-da-arte-sobre-a-sociedade>>. Acesso em 16 jan 2024.
- POMPEU, R. Entrevista Concedida a Luaa Gabanini. 28 abr. 2021. Ambiente remoto, através do aplicativo Zoom.

Notas

- 1 Rachadura: substantivo feminino, ação ou efeito de rachar, pequeno corte, fenda. Irrupções. Nesse escrito aparecerá como fissura de pensamentos, fresta para respirar.
- 2 O Galpão do Folias, além de sede do Grupo Folias D'Arte, é um espaço de referência e resistência do teatro de grupo de São Paulo, abarcando apresentações e atividades das mais diversas linguagens, nacionais e internacionais, como também atividades de formação e reflexão, fomentando o pensamento crítico em relação à história e à conjuntura sócio-político-cultural.
- 3 Ator, diretor, produtor e dramaturgo é o atual presidente da Cooperativa Paulista de Teatro. Fundador do Grupo Redimunho de Investigação Teatral, coletivo que trabalha com processos direcionados à linguagem do homem do campo e ao universo de Guimarães Rosa.
- 4 Dias (2020) situa o artivismo: “Mais recentemente, a partir das décadas de sessenta e setenta do último século, artistas com forte pensamento ativista, e que refletem nas escolhas estéticas e plásticas do seu trabalho, têm vindo a ser enquadrados numa nova vertente de expressão a que se tem chamado de Artivismo e que adquire nos dias de hoje uma afirmação mais visível e mediática, lançando novos eixos de reflexão.”
- 5 Grupo transdisciplinar de pesquisa e ação direta acerca do racismo na sociedade brasileira. Ativo desde 2004, trabalha com artes visuais, teatro, poesia, audiovisual, aulas, debates e uma infinidade de formas expressivas que buscam investigar o racismo no Brasil. Suas ações diretas criam novas formas de abordagem das questões raciais.
- 6 Registro da ação disponível em <<https://fb.watch/aGxIFd2K8E/>>. Acesso em 07/02/2022.
- 7 Registro em vídeo da ação: <<https://www.instagram.com/p/BoNShqMhMfK/>>. Acesso em 07/02/2022.
- 8 Registro da ação: <<https://www.instagram.com/luagabanini/p/BpSZCXIHw9p/>>. Acesso: 07/02/2022.
- 9 A Cia. Oito Nova Dança é um coletivo de dança contemporânea que pesquisa a intersecção entre movimento e sonoridade. A “Intervenção Urbana ESQUIVA” foi inspirada na leveza e resistência dos Xondaro, os guardiões Guarani, e seu rito coletivo para o treinamento e fortalecimento do corpo permeável, que se lança no tempo que pulsa e no espaço aéreo.
- 10 Registro da canção, presente no espetáculo *Cantata para um Bastidor de Utopias*, da Cia. do Tijolo, <<https://www.youtube.com/watch?v=I2jau8SvPYQ>>. Acesso: 07/02/2022.
- 11 Jonathan Silva é músico e compositor. Uma de suas vertentes de trabalho é a composição de trilhas sonoras para peças de teatro. Discos gravados: *Benedito*, *Necessário* e *Precisa-se de Compositor com Experiência*.
- 12 Registro em vídeo da ação: <https://www.instagram.com/p/Bv9uB_wjgl_>. Acesso em 07/02/2022.
- 13 Registro em vídeo da ação: <https://www.instagram.com/p/CH_EZSoHy5j/>. Acesso em 07/02/2022.
- 14 BEY, Hakim. *TAZ: Zona Autônoma Temporária*. São Paulo: Conrad, 2001.

Recebido: 17/10/2024

Aprovado: 13/12/2024